

A I EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA DE BARCELONA

VISTA PELO EXPOSITOR CARLOS DE NORONHA

Solicitado, por várias vezes para dar colaboração escrita à Revista de Numismática «NVMMVS», órgão da Sociedade Portuguesa de Numismática com sede no Porto, a que me tenho sabido esquivar por falta de profundos conhecimentos da matéria e saber-me inteiramente deserdado dos dotes literários que tanto honraram meu Pai, decido, afinal, abrir brecha na minha ignorância, no intuito exclusivo de dar aos numismatas portugueses, uma descolorida ideia do que foi o notável certame que intitula esta prosa, tal como eu o vi.

De grande evocação histórica, já o Palácio em que a Exposição se realiza, — foi nele que os Reis Católicos deram audiência a Cristóvão Colombo, depois das suas descobertas — se impõe à nossa admiração e impele a nossa fantasia, povoada já dos personagens da época, à suposição mental de tudo quanto nele, então, se haverá passado.

Uma vez no seu interior, na contemplação dos maravilhosos e raríssimos exemplares ali expostos, alarga-se, dilata-se sem peias a nossa imaginação ao tentarmos viver, pelas moedas e pelas medalhas, os tempos e as épocas em que as mesmas circularam e os feitos que as segundas comemoram e de que elas são, afinal, na sua aparente mudez, documentos animados da maior e da mais verdadeira eloquência histórica.

Logo à entrada, dispostas em vitrines horizontais e verticais, deparam-se-nos as valiosíssimas contribuições da Inglaterra, da França, da Bélgica, do Brasil, dos Estados Unidos da América e de vários outros países que a nossa memória não fixou.

Depois, em lugar de honra, na Capela de Santa Âgueda — até o nome é português — encontram-se as duas vitrines destinadas a Portugal, contendo uma delas a representação da Casa da Moeda de Portugal e outra, a do Museu Numismático Português com as suas noventa e tal moedas raríssimas

da Índia, de pouca aparência, mas de grande raridade, remontando à época de D. João III, ou ainda mais antigas.

Não pouco trabalho e dispêndio de paciência deu a colocação destas moedas ao Sr. Professor Dr. Damião Peres, dada a inadaptabilidade das vitrines para o efeito desejado, deslocando-se e desalinhando-se as moedas ao mais pequeno toque na vitrine. E os toques foram muitos.

Egoisticamente, constitui-me zeloso perseguidor daquele Professor que, tendo sido meu, no tempo em que eu era o maior cábula que a luz do Sol cobre, desejava recuperar agora o tempo perdido e aprender o que outrora deveria ter feito.

Constatee a breve trecho que a franzina figura, no seu aspecto físico, daquele senhor, assume proporções de gigante quando se dispõe a falar, mesmo em conversa amena. Cada frase, cada oração, constitui um ensinamento. E assim, vim a saber que uma das figuras que compõe o conjunto pictorial de um retábulo, colocado sobre um altar, à esquerda das vitrines de honra, de Portugal, tinha sido pintado com pincel de mestre no intuito de representar as feições, — dentro da alegoria que o quadro representava — de um Príncipe português, D. Pedro, intimamente ligado por laços de família, aos Reis de então. Depois de ouvir a explicação dada, olhei de novo o retábulo e simpatizei mais com ele.

Dali passei à maior sala da Exposição: A Sala Tinell. Por ser a maior contém em si o maior aglomerado numismático de toda a Exposição, a qual, seja dito de passagem, custou nada menos do que 2 milhões e meio de pesetas.

Foi ali que, entre as raridades vindas de todo o Mundo e principalmente das Repúblicas Sul-Americanas, eu tive a sensação de grandeza, amplitude, pujança e beleza contidas em toda a Exposição. Profusamente iluminada, com centenas de vitrines, eu pude observar, quase com sensação de esmagamento, centenas de milhares de numismas, deslocados das partes mais recônditas do Globo, descerradas dos cofres dos coleccionadores mais avessos à publicidade, desenterradas das paredes ou vitrines dos Museus, para gozarem esses poucos dias de luz e liberdade, como escravas com temporária carta de alforria a quem foi dado o direito de exclamar: Aqui estamos para representar o mundo e a época em que vivemos. Eis-nos para que vejam o Bem e o Mal que fizemos, testemunhas mudas, mas vivas de tanta grandeza e tanta vicissitude, tanto patriotismo e traição, tanto amor e tanto ódio!

Abandono os pensamentos que me assaltam e prossigo na minha intencional peregrinação. Dentro de momentos encontro-me quase extasiado diante da colecção do Sr. Afonso Pinto de Magalhães, do Porto, que, destacadamente, nos seus quadros azuis em que repousa o ouro, as moedas parecem

olhar-nos orgulhosamente como que a ensinar-nos, sem dizer uma palavra, toda a gloriosa História de Portugal, desde D. Sancho I até aos reinados mais recentes, excepção feita ao reinado de D. Manuel I, onde eu sei existirem bem raros exemplares, e que, certamente por lapso, não veio. Foi ainda o Dr. Damião Peres quem, por se ter constatado não estar presente qualquer representante do proprietário da colecção, elaborou uma lista cronológica sobre a forma por que deveriam ser expostas nas vitrines.

Mais adiante, em sete vitrines, seis das quais verticais, encontra-se a formosíssima e raríssima colecção de medalhas, condecorações e insígnias de Pedro Rocha de Araújo, de Lisboa, composta de 1537 peças e que constitui melhor e maior conjunto que até agora me foi dado observar.

Coube-me, em má hora, o desgosto, depois tornado prazer e orgulho, de ser eu a proceder à colocação de tão reduzido número de peças, para o que tinha sido solicitado pelo seu proprietário sem me falar na quantidade. Sem a ajuda da Señorita Monserrat, Secretária da Associação Numismática Espanhola e o guarda-livros da mesma Associação, cujo nome infelizmente não recorde, ter-me-ia sido fisicamente impossível a colocação de tão numerosas e tão variadas peças. A cortezia espanhola, de que mais adiante falarei, patenteou-se neste transe, de forma exuberante, desinteressada e carinhosa.

Ao acabar a colocação daquelas peças, contente e orgulhoso pelo que tinha sido possível fazer, perguntei à única metade da minha carcassa que mantinha ainda alguma sensibilidade — a outra transformara-se em autómato — que mal teria eu feito ao Sr. Pedro Rocha de Araújo, para que me infligisse tão cruel castigo! Por mais voltas que desse não encontrei o motivo.

Prosseguindo na Exposição, vou encontrar mais adiante, causando sensação, o dispositivo original para colocação de moedas, da criação do Sr. Coronel Mário Ramires, do Porto, dispositivo esse que, certamente, muitos adoptarão e em cujos cartões repousavam raríssimos exemplares da numária alemã e Nacional.

Mais adiante ainda, numa só vitrine, a colecção da Guatemala, desde Filipe V, até aos nossos dias, quase totalmente coligida pelo ilustre numismatólogo brasileiro Sr. Kurt Prober, do Rio de Janeiro, que me honra com a sua amizade, e cuja colecção serviu para a confecção do seu livro «HISTÓRIA NUMISMÁTICA DA GUATEMALA», hoje citada em todos os Catálogos de moedas de todo o Mundo, onde desejem ver transaccionadas moedas daquele País. Essa colecção, hoje minha, é a única existente na Exposição, pelo menos, representando todas as épocas de cunhagem.

Dizer que Portugal se fez ali representar na sua máxima força, seria falar à verdade. Não vi ali, a colecção dos maravilhosos exemplares do

Sr. Ed. v. d. Niepoort, do Porto, que soube depois não terem chegado a tempo de ser expostos: da do Eng.º Michaelis de Vasconcelos que sabemos conter exemplares raríssimos e únicos, a do Eng.º Paulo de Lemos com a sua famosíssima de D. Fernando. Outras, enfim de que seria óbvio falar. Faltou, sobretudo, ao contrário do que aconteceu com os seus colegas espanhóis e alguns sul-americanos com a perfeita noção de que a União Faz a Força, o coleccionador pequeno, o menos abastado, e que, erradamente receoso de não fazer boa figura, se absteve de ali fazer comparecer o seu conjunto, realizado com mais carinho e maior sacrifício, do que os que, mais afortunados da sorte apresentaram as suas raridades. A estes digo apenas que procederam mal não comparecendo no certame, a exemplo do que fizeram os seus colegas em idênticas circunstâncias. Não deverão abster-se, no futuro. É esta a minha opinião.

Ser-me-ia verdadeiramente penoso, impor à «NVMMVS» as despesas resultantes do alongamento desta pseudocrónica, aliás já bastante extensa. Seja porém dito de passagem e em abono da verdade que o que fica dito, é muitíssimo menos do que o que fica por dizer.

Prometi, porém, atrás, falar da forma porque foram recebidos os expositores e não devo deixar de o fazer. A proverbial cortezia espanhola, com a Catalunha a interpretá-la, deu a todos os expositores, principalmente estrangeiros, motivos da mais requintada gentileza, sincera afabilidade e carinho.

Começou por sermos recebidos pelo Alcaide de Barcelona, que nos deu as boas-vindas no histórico — Salon de Ciento —, no Ayuntamiento, imediatamente seguido de outras festividades a que sempre presidiu uma enternecedora nota de hospitalidade.

Numa reunião dos representantes das Associações e Sociedades de Numismática Ibero-americanas, em que Portugal estava dignamente representado pelo Sr. Alexandre Ferreira de Barros e a que me foi dado assistir, ventilou-se a questão de ser criada uma Federação Ibero-americana das mesmas associações e sociedades. Nesta reunião, a que presidiu o eminente numismatólogo mexicano, Sr. Pradeau, teceu este, ao nosso País, os mais calorosos elogios por lhe ter sido dado consultar, rápida e eficazmente, no Arquivo Histórico do Ultramar, documentos para os quais se não julgava com credenciais bastantes para o poder fazer. Este elogio, ouvido por portugueses em terra espanhola, proferidos por uma individualidade de renome mundial, cuja nacionalidade nem sequer é ibérica, não sei que repercussão poderá ter tido no espírito dos restantes portugueses que assistiam à reunião. Sei apenas que a mim, muito e bem sinceramente me sensibilizou.

Da mesma forma me deixou enleado o discurso do Sr. Xavier F.

Calicó, grande e sincero amigo dos portugueses, promotor da reunião, ao propor que fosse Portugal, digno País irmão e amigo, a Sede da Federação a criar, o que a vários títulos não podia ser aceite sem que pudessem ser consultados legisladores e entidades com conhecimentos jurídicos inerentes à sua aceitação. Nesta conformidade, foram todos unânimes, incluindo os portugueses, em que, por um período de 5 anos deveria ser a Espanha a Sede da futura Federação, tanto mais que a mesma tinha sido inspirada numa Exposição Monumental, realizada naquele País e em que a maioria dos expositores e representantes das várias Associações e Sociedades de Numismática tinham na Espanha a sua Mãe-Pátria, e a sua própria língua falavam.

Talvez que, findo esse prazo, Portugal, ajudado pelos seus governantes e com subsídios que já todos os outros países recebem para a sua expansão cultural, de que a Numismática é uma das mais fortes manifestações, esteja à altura de desempenhar esse lugar de honra entre as Nações Ibero-americanas. Deus permita!

Lisboa, 2 de Dezembro de 1958.



LISTA DOS EXPOSITORES PORTUGUESES
NA
I EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE NUMISMÁTICA
E MEDALHÍSTICA DE BARCELONA

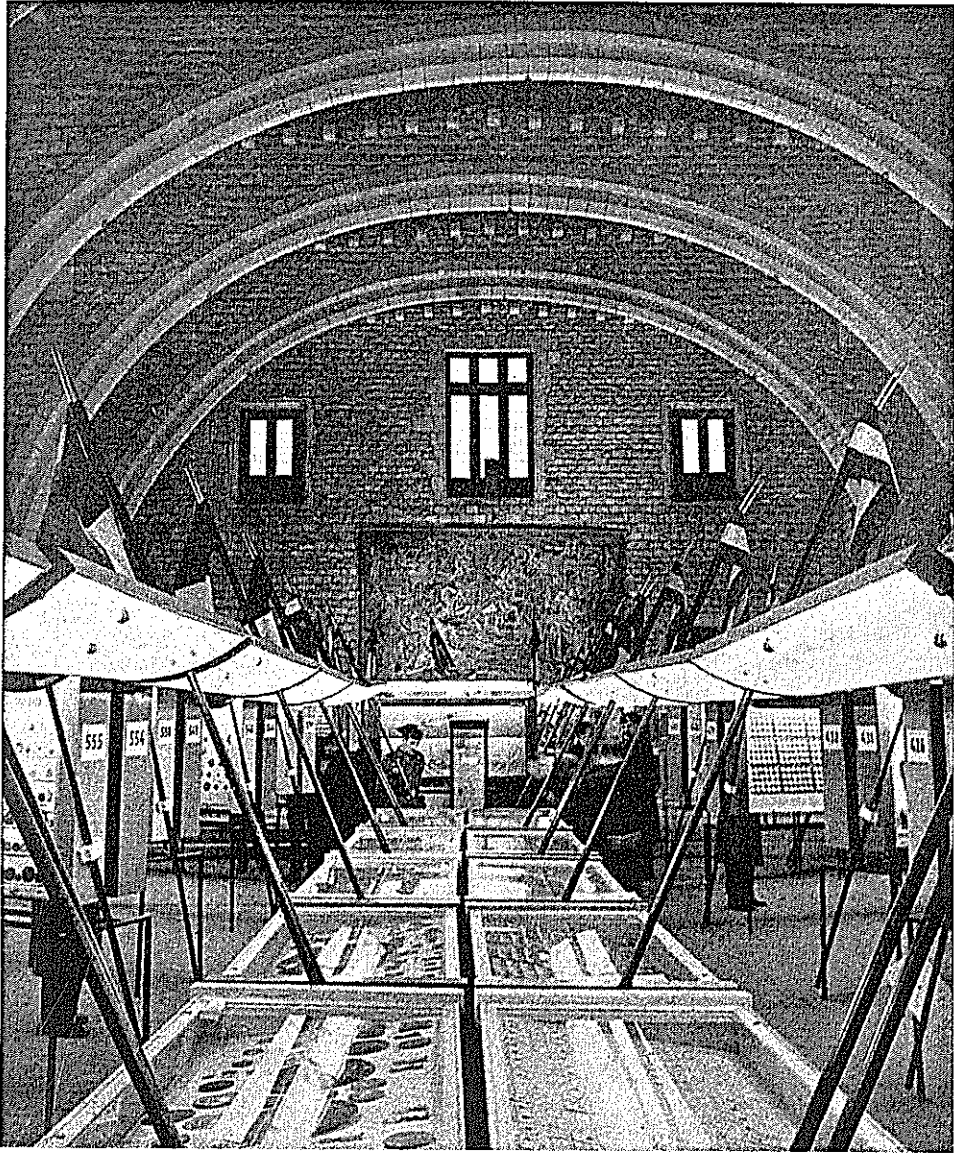


AFONSO PINTO DE MAGALHÃES	PORTO
ÁLVARO DE BREE	LISBOA
CARLOS DE NORONHA	LISBOA
JOÃO DA SILVA	LISBOA
MARCELINO NORTE DE ALMEIDA	LISBOA
MARIO RODOLFO REVISIONI RAMIRES	PORTO
NUMIDICO BESSONE	LISBOA
PEDRO ROCHA DE ARAÚJO	LISBOA
RAUL XAVIER	LISBOA



EXPOSITOR DE HONRA

CASA DA MOEDA — LISBOA



VISTA PARCIAL DA
I EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA

LISTA DOS PRÉMIOS ATRIBUÍDOS A EXPOSITORES PORTUGUESES



IDADE ANTIGA

2.º PRÉMIO — ao Ex.^{mo} Sr. Afonso Pinto de Magalhães



IDADE MODERNA — MOEDAS DE PORTUGAL

1.º PRÉMIO — ao Ex.^{mo} Sr. Afonso Pinto de Magalhães



IDADE MODERNA — MOEDAS AMERICANAS — ÉPOCA INDEPENDENTE

1.º PRÉMIO — ao Ex.^{mo} Sr. Carlos de Noronha



IDADE MODERNA — TEMAS VÁRIOS

3.º PRÉMIO — ao Ex.^{mo} Sr. Pedro Rocha de Araújo



NOS PRÉMIOS ESPECIAIS, CONCEDIDOS POR DIVERSAS
PERSONALIDADES E ENTIDADES OFICIAIS E PARTICULARES

PRÉMIO - DIRECTOR GERAL DA «FÁBRICA NACIONAL DE MONEDA Y TIMBRE»

ao Ex.^{mo} Sr. Mário Rodolfo Revisoni Ramires